

A coexistência das histórias na educação de múltiplas culturas

Daniela Bertoli¹

Prof. Me. Giuliano Tierno de Siqueira²

Resumo: A partir da experiência pessoal da autora, contadora de histórias que cresceu em comunidade multicultural, viveu com família norte-americana e trabalhou em escolas internacionais, investiga-se como histórias podem contribuir para a formação multicultural das pessoas, auxiliando-as a conhecer várias faces da cultura alheia e a desenvolver competência intercultural. Discorre-se sobre multiculturalismo, interculturalismo, competência intercultural, empatia na comunicação intercultural, estereótipos e o perigo da única história. A partir da análise de histórias da tradição oral compartilhadas por estrangeiros são identificados aspectos culturais inerentes às narrativas. Conclui-se que se compartilhadas, as histórias coexistentes em ambientes multiculturais enriquecem a convivência.

Palavras-chave: 1. Competência intercultural 2. Educação multicultural 3. Interculturalismo 4. Contação de histórias 5. Comunicação multicultural

1. Introdução

O multiculturalismo é uma realidade cada vez mais presente nas cidades brasileiras. Devido à globalização, à expansão de empresas multinacionais, aos incentivos do governo para receber estudantes internacionais, ao crescimento da economia e às migrações provocadas por motivos políticos e socioeconômicos, a convivência de grupos étnicos muito diferentes entre si está em constante expansão. Esse fenômeno influencia no modo como as pessoas se relacionam, enxergam os outros e a si mesmos e organizam o mundo ao seu redor. Sendo eu uma contadora de histórias inserida em um ambiente de escola internacional, comecei a me perguntar qual seria o papel das histórias nesse meio, o que elas contam sobre as pessoas que fazem parte da comunidade escolar e qual a relação que elas podem ter com a educação na qual múltiplas culturas coexistem.

Minha trajetória com o multiculturalismo e com as histórias começou na infância: sou descendente de italianos e alemães. Cresci comendo cuca, chineque e marreco com repolho roxo em uma comunidade colorida por jardins floridos e bem cuidados onde até hoje é comum escutar pessoas interagindo em alemão no mercadinho da esquina. Ouvia histórias de como os italianos sonhavam que os morros virassem polenta e que o mar virasse leite, ao

¹ Pós-graduanda do curso “A arte de contar histórias – abordagens poética, literária e performática” da Faculdade de Conchas – FACON. Graduada em Letras pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Estudou Educação Infantil, Literatura Infantil e História da Cultura Popular Norte Americana na Mercer County Community College. É professora, contadora de histórias e trabalha em bibliotecas de escolas internacionais desde 2009.

² Orientador. Coordenador e professor do curso “A arte de contar histórias – abordagens poética, literária e performática” da Faculdade de Conchas – FACON.

mesmo tempo em que me deliciava com as traquinagens do Pedro Malasartes narradas repetidas vezes pela minha mãe. Ao aprender a língua inglesa, mergulhei em obras da literatura americana, irlandesa e inglesa e com isso pude aprender cada vez mais sobre essas culturas. Durante os dois anos de meu intercâmbio nos EUA vivi com uma família americana em uma cidade universitária, o que me propiciou contato com muitos estudantes estrangeiros, além de intercambistas como eu. Descortinei meu olhar para diferentes culturas, valores e modos de ver o mundo. De volta ao Brasil, trabalhando em escolas internacionais, o contato com os estrangeiros continua acontecendo. Já convivi com japoneses, sul-coreanos, australianos, ingleses, canadenses, argentinos, irlandeses, galeses, sul-africanos, americanos, chilenos, belgas, paraguaios, canadenses e chineses. Nunca me cansei de ouvir histórias sobre suas vidas e o lugar de onde vieram, nem de beber de sua cultura e tentar entender como eles nos veem e como são vistos. Tais interações também permitiram-me presenciar e experienciar situações conflituosas ou constrangedoras provocadas pela falta de conhecimento, tolerância ou respeito à cultura alheia devido a diferenças relacionadas à religião, valores, língua ou origens.

Essas vivências, juntamente com o fato de eu trabalhar em bibliotecas de escolas internacionais, contando histórias desde 2011, me levaram a questionar se as histórias podem contribuir com a formação multicultural das pessoas para que elas conheçam várias faces da cultura daqueles com quem convivem e desenvolvam competência intercultural, fator essencial para o combate ao desrespeito e à intolerância a culturas alheias.

As histórias de tradição oral dizem muito sobre a cultura de um povo na medida em que inerente a elas estão códigos culturais, valores, ideologias, credos, visões de mundo e aspectos sociais da cultura de quem as conta e as compartilha. “É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade” (Nascimento e Ramos, 2013). Sendo assim, o objetivo deste artigo é discursar sobre alguns conceitos teóricos relacionados ao tema e com base neles fazer uma análise das histórias de tradição oral compartilhadas por professores estrangeiros que trabalham com a autora em uma escola internacional localizada em Vinhedo-SP. Espera-se com este estudo identificar aspectos culturais presentes nas narrativas e refletir sobre como o compartilhamento dessas histórias pode beneficiar a educação multicultural e a formação da competência intercultural.

Nos capítulos seguintes relatarei minhas leituras relacionadas ao multiculturalismo, interculturalismo, competência intercultural, empatia na comunicação intercultural,

estereótipos e o perigo da única história. Na sequência apresentarei análise das narrativas e minhas reflexões sobre o tema proposto.

2. Multiculturalismo, interculturalismo e competência intercultural

A grosso modo, multiculturalismo pode ser definido como a coexistência de diversas culturas em um mesmo espaço. No âmbito psicológico, multiculturalismo é a experiência de ter sido exposto a e internalizado diferentes culturas. Isso pode acontecer quando o indivíduo já morou em mais de um país (estudantes, profissionais, expatriados, refugiados, imigrantes), é filho de pais de diferentes nacionalidades, é educado com base em duas ou mais culturas (descendentes de imigrantes) ou tem um relacionamento com alguém de cultura diferente. Para que uma identidade multicultural seja estabelecida porém, é necessário que além de internalizar e ter conhecimento sobre outras culturas, a pessoa se identifique com elas, adotando e seguindo alguns de seus padrões e valores (Benet-Martinez, 2012, p. 2).

Nos âmbitos social e educacional, a ideologia multiculturalista enxerga o mundo como uma comunidade na qual todas as culturas devem ser igualmente reconhecidas, valorizadas e respeitadas. Nesse contexto, os sentimentos de autovalorização e bem-estar dos indivíduos estão diretamente ligados com o reconhecimento público da própria cultura e com a oportunidade de engajar-se em interações interculturais (Benet-Martinez, 2012, p. 3). Sendo assim é importante enfatizar que promover uma educação multicultural não se resume apenas a realizar uma semana do folclore para representar as minorias étnicas, mas sim garantir que as distintas culturas convivam democraticamente, promovendo respeito mútuo e tolerância.

Segundo a pesquisa de Benet-Martinez (2012, p. 17), a educação multicultural desenvolve nas pessoas habilidades cruciais para o sucesso no mundo globalizado, pois indivíduos multiculturais conseguem mediar conflitos interculturais e problemas de comunicação entre nações ou comunidades dentro de seu próprio país com maior êxito. Além disso, alunos que recebem educação multicultural apresentam maior sucesso acadêmico e quando chegam ao mercado de trabalho tendem a contribuir efetivamente com as organizações em tarefas relacionadas ao gerenciamento de equipes etnicamente diversas e negociações internacionais quando sua competência multicultural evolui para competência intercultural.

Interculturalismo, por sua vez, é a interação entre pessoas na qual diferenças culturais têm papel na construção de significados, e está estreitamente ligado ao multiculturalismo.

Quando o indivíduo consegue identificar as diferenças interculturais diz-se que ele tem sensibilidade intercultural. Já quando ele é capaz de usar essa sensibilidade para otimizar a

comunicação com pessoas de outras culturas, é considerado interculturalmente competente (Bennett, 2013, p. 199). Em outras palavras, quem consegue transcender a limitada experiência monocultural e enxergar o mundo a partir de perspectivas culturalmente diversas é capaz de sentir empatia e adaptar-se de modo a garantir a comunicação eficaz em diferentes contextos culturais - isso é chamado de competência intercultural. Ter competência intercultural é compreender que pessoas de diferentes culturas têm expectativas, reações e respostas distintas a um mesmo estímulo ou situação, e conseguir posicionar-se e comunicar-se efetivamente observando essas diferenças. Em nosso país, por exemplo, é comum que profissionais se cumprimentem com um beijo no rosto em contextos empresariais, mesmo quando acabam de se conhecer. Se uma empresária brasileira agisse da mesma forma no Japão, esse comportamento seria considerado invasivo e geraria desconforto. O choque cultural também pode acontecer no uso da língua estrangeira: quando morei nos EUA, “*please*” era a palavra que eu mais ouvia. Enquanto que no português brasileiro às vezes basta escolher as palavras, mudar o tom de voz e a expressão do rosto para solicitar algo educadamente, entendi que fazer qualquer pedido a um falante nativo de inglês - seja para solicitar o menu ao garçom em um restaurante ou para pedir que o colega lhe passe o sal - sem finalizar com um “por favor”, é considerado grosseria e falta de educação.

Historicamente, nossa primeira reação quando nos deparamos com a diferença é evitá-la, e caso isso não seja possível, confrontar os valores da cultura alheia tentando modificá-la. Um exemplo claro disso foi a tentativa dos jesuítas de impor a cultura europeia dominante catequisando os índios no Brasil e a intolerância às religiões de origem africana, que dentre outras coisas gerou o sincretismo: para continuar prestando tributos aos seus orixás, os escravos africanos, da cultura não-dominante, tiveram que “apelidá-los” com nomes de santos católicos. Outro exemplo histórico de que evitamos as diferenças é o fato de procurarmos nos agrupar com pessoas de cultura parecida: o bairro da Liberdade, em São Paulo, é majoritariamente habitado por imigrantes ou descendentes de imigrantes asiáticos, enquanto que em Nova York, nos Estados Unidos, os imigrantes e descendentes de italianos se concentram em “Little Italy” e os asiáticos em “Chinatown”. Por fim, os diversos casos de genocídios e crimes de ódio provocados pela intolerância às diferenças comprovam que, historicamente, quando não conseguimos evitar ou converter pessoas de culturas dissemelhantes às nossas, as dizimamos (Bennet, 2013, p. 79 – 94).

Bennet (2013, p. 129) explica que a definição de cultura comumente utilizada pelos interculturalistas a classifica em objetiva e subjetiva. A cultura objetiva é internalizada através da convivência em sociedade e está relacionada à produção cultural de um povo, como arte,

música e culinária, além de seus sistemas institucionais, como a política, por exemplo. Por sua vez, a cultura subjetiva refere-se à visão de mundo das pessoas pertencentes a uma determinada sociedade, e manifesta-se no modo como as pessoas se comportam.

O multiculturalismo e o interculturalismo ampliam os repertórios cognitivo e comportamental das pessoas, na medida que as expõem a diversas culturas permitindo não só que reconheçam e entendam as diferenças e semelhanças entre elas, mas também proporcionando variadas maneiras de aprender, reagir relacionar-se com o mundo. Como resultado desse processo, os indivíduos aprendem a lidar com as diferenças e desenvolvem um pensamento mais criativo e tolerante (Benet-Martinez, 2012, p. 20), características fundamentais para cidadãos de um mundo globalizado.

3. Histórias, estereótipos e empatia na comunicação intercultural

A cultura é multifacetada e inerente ao ser humano. Quando ouvimos que os mexicanos comem grilos, que os americanos não se abraçam ou que os brasileiros empregam o famoso jeitinho para se safarem de algumas situações, deve ficar claro que esses são apenas alguns dos aspectos presentes na cultura e que nem todos os cidadãos pertencentes à ela os compartilham. Em outras palavras, apesar de terem características em comum, as culturas de diferentes grupos sociais não são homogêneas, mas sim multifacetadas e compostas de muitas histórias sobrepostas.

Ao discursar sobre o poder das histórias, a autora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) nos adverte para o que ela chama de “o perigo da única história”. Adichie afirma que quando conhecemos apenas uma história sobre alguém, acabamos criando estereótipos e isso dificulta a conexão e o relacionamento com as pessoas. Ela argumenta que os estereótipos não são mentirosos, porém são apenas uma faceta de uma cultura, pessoa ou lugar, e que para nos relacionarmos com culturas, pessoas ou lugares é importante que conheçamos as suas várias histórias. Sendo assim, quando se conhecem apenas os estereótipos, eles acabam se tornando a “única história”. A autora complementa dizendo que a única história “rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (Adichie, 2009).

Complementando esse pensamento de que histórias nos auxiliam a nos relacionar com as pessoas, Gaiman (2013) afirma que uma das utilidades da ficção – portanto também das histórias – é que ela promove empatia. De acordo com o autor a ficção nos dá a oportunidade de ver o mundo através dos olhos dos outros, nos faz viajar a lugares que fora dela seriam inacessíveis, nos leva a reconhecer e validar outras pessoas como indivíduos. Assim, por

passarmos pela experiência de sermos outrem, sofreremos uma leve transformação. Nesse sentido, a empatia gerada pelas histórias é um bom exercício para a empatia necessária à comunicação intercultural.

A ligação entre fantasia e empatia é corroborada por Bennet (1979, p. 3232 – 3239) ao transcorrer sobre os seis passos necessários para que ocorra a empatia na comunicação intercultural: 1 – Assumir as diferenças, 2 – Conhecer a si mesmo, 3 – Suspender a si mesmo, 4 – Permitir a imaginação guiada, 5 – Permitir a experiência da empatia e 6 – Reestabelecer-se. O autor explica que o processo de permitir a imaginação guiada é similar à nossa participação imaginária em uma peça ou novela, pois nesse estado deixamos que por alguns momentos nossa imaginação seja capturada pela de outra pessoa e somos capazes de viver a experiência alheia.

Bennet (1979, p. 2965) defende que a empatia é crucial para a comunicação intercultural, pois só através dela somos capazes de imaginar os pensamentos ou sentimentos de outras pessoas em determinadas situações a partir de suas perspectivas. O autor aponta que há duas maneiras de nos relacionarmos com pessoas de culturas díspares: com atenção às similaridades - o que gera solidariedade, e com atenção às diferenças – o que gera empatia.

Desde crianças aprendemos que quando interagimos com alguém, devemos usar a “Regra de Ouro”: trate os outros como você gostaria de ser tratado. Porém, quando seguimos a “Regra de Ouro” adotamos nossos próprios sentimentos e valores como referências para entendermos os sentimentos do outro: se não sabemos como lidar com outrem, imaginamos como gostaríamos de ser tratados e agimos de acordo. Tal suposição atrapalha a comunicação intercultural, já que ao assumirmos que todas as pessoas são iguais a nós e portanto deveriam esperar o mesmo tratamento, ignoramos não só as diferenças individuais mas também as sistemáticas, como cultura nacional, status socioeconômico, gênero, idade, profissão, valores, etnia, visões políticas etc. (Bennet, 1979, pg. 2850 – 5142).

Sendo assim, enquanto Adichie (2009) aborda a importância de enxergarmos as similaridades entre as culturas e conhecermos as várias histórias de uma pessoa para evitarmos os estereótipos, Bennet (1979, p. 2850 – 5142) defende que só a abordagem que reconhece as diferenças leva à empatia e à criação de um clima de mais respeito e sensibilidade para as comunicações inter-racial e intercultural. Para o autor, empatia é a tentativa de compreender os outros entendendo que existem múltiplas realidades, e assim levando em consideração suas distintas experiências, valores e perspectivas durante a interação. Em contraste à “Regra de Ouro”, que segundo o pesquisador é etnocêntrica e nega as diferenças, Bennet cria o conceito da “Regra de Platina” para a comunicação intercultural

bem sucedida: trate os outros como os outros gostariam de ser tratados. O autor enfatiza, porém, que a empatia não objetiva o abandono da própria identidade, mas sim a suspensão controlada e temporária da mesma para a compreensão de outrem.

4. Histórias coletadas

As narrativas para este estudo foram compartilhadas por uma bibliotecária e por cinco professores estrangeiros que trabalham na Sant'Anna International School, escola internacional localizada em Vinhedo-SP cuja comunidade é formada por discentes e docentes de diversas nacionalidades, tendo o inglês como língua oficial. Solicitei a oito professores que compartilhassem histórias da tradição oral de seus países que ouviam quando eram crianças. Desses oito, seis compartilharam histórias oralmente ou através de texto: a inglesa Michele, a galesa Bárbara, o belga Wim, o paraguaio Juan, a americana Ann e a chilena Jenny. Depois que as histórias foram coletadas, perguntei a alguns deles se reconheciam aspectos que pudessem representar sua cultura nas narrativas escolhidas, que serão brevemente descritas nos próximos parágrafos.

Dick Whittington e seu gato foi a narrativa escolhida pela inglesa. A história versa sobre a jornada de um garoto pobre e órfão que foi a Londres em busca de riqueza, pois haviam lhe contado que naquela cidade as ruas eram pavimentadas com ouro. Sem encontrar ouro algum, lá passou fome até conseguir abrigo na casa de um mercador. Teve então que trabalhar com um cozinheiro cruel e dormir em um espaço desconfortável e infestado de ratos. Economizou dinheiro e comprou um gato, que para sua sorte era o melhor caçador de ratos de toda a Inglaterra. Pensou em ir embora, mas os sinos da igreja soaram e disseram-lhe para ficar, pois iria ser prefeito por três vezes. Enriqueceu e de fato virou prefeito três vezes após um mercador ter vendido seu gato para o rei e a rainha de uma terra muito distante.

A galesa que viveu na Inglaterra desde a infância, escreveu com entusiasmo sobre *Robin Hood e seus homens*, história que sua avó costumava lhe contar. Robin pertencia a uma família abastada e tinha problemas com o xerife, que era um homem muito cruel. Cobrava taxas altíssimas dos moradores da vila, que os deixavam com pouquíssimos recursos para sobreviver. Robin uniu-se então a um grupo de homens que por um ou outro motivo haviam despertado a ira do xerife, para roubar dos ricos e cruéis e dar aos pobres de Nottingham. Ele vivia com seu bando na Floresta de Sherwood. Little John e Frei Tuck são personagens sempre presentes nas narrativas sobre Robin Hood. Em algumas versões era mencionada uma jovem chamada Marion, que se tornara esposa de Robin Hood e em outras ouvia-se que o fora-da-lei lutara com o Rei Ricardo Coração de Leão. Barbara termina o relato afirmando

que apesar de saber que existem várias versões da história, prefere acreditar naquela que ouvia quando era criança.

Sobre Moe e Koren foi compartilhada pelo professor belga. O conto originário da região de Flandres narra de forma bem-humorada as sucessivas tentativas de um rapaz pouco astuto de realizar pequenas e simples tarefas para a mulher com quem morava em uma área rural. Após o rapaz Koren falhar em todas as tarefas, Moe decide que se quisesse algo, teria de fazer sozinha.

A americana, por sua vez, lembrou-se da história que seu avô lhe contava sobre a época em que trabalhava em uma fazenda e de como o cânhamo plantado para os esforços de guerra causava efeitos alucinógenos nas vacas.

Já a chilena enviou-me a história de *El Trauco*, ser mitológico de aparência repulsiva que habita a ilha de Chiloé, no Sul do Chile. Sempre alerta à espera de suas vítimas, o anão pode deformar ou matar com o olhar quem o perturba, e nunca age na frente de testemunhas. Aparece para mulheres jovens em sonho, enfeitando-as e atraindo-as para o bosque, onde as possui. Conta-se que El Trauco é um fecundador sobrenatural de quem nenhuma mulher jovem e solteira está suficientemente protegida. No passado, a paternidade de todos os filhos da ilha de Chiloé era atribuída a El Trauco. Dessa forma o nascimento não afetava socialmente a mãe ou a criança, já que estava relacionado com a magia de um ser extraterreno.

Por fim, o paraguaio contou-me a história da *Plata yvyguy*. Plata (dinheiro) yvyguy (terra) é uma frase em guarani que se refere a tesouros enterrados e escondidos. Conta-se que na época da Guerra da Tríplice Fronteira as pessoas tinham que fugir sem poder levar nada consigo. Elas então acomodavam suas joias, ouro, moedas e dinheiro em cântaros e os enterravam em lugares marcados para que viessem reavê-los mais tarde. Muitos não voltavam e os tesouros começaram a ser descobertos fazendo com que algumas pessoas ficassem ricas do dia para a noite. A descoberta da *plata yvyguy*, porém, é associada a uma maldição, já que muitas pessoas que encontraram o tesouro morreram logo depois (na verdade a riqueza repentina atraía a atenção de invejosos que matavam para roubar o tesouro). Conta-se que o local onde está enterrada a *plata yvyguy* pode ser identificado quando em noites de tempestade aparece uma chama fugaz e misteriosa que se movimenta de um lado para outro e depois se apaga embaixo de uma árvore. Há também relatos de pessoas que avistaram um cachorro branco sem cabeça que desaparece após alguns instantes. Até hoje paraguaios procuram a *plata yvyguy* utilizando detectores de metais e fazendo escavações. Como a maioria das

tentativas é frustrada, acredita-se que só os bons de coração conseguem realmente encontrar o tesouro.

4.1 Análise das histórias

Na história compartilhada pela inglesa Michele, que vive no Brasil há aproximadamente trinta anos, observa-se com nitidez alguns aspectos e valores marcantes de sua cultura, como justiça, honestidade, honra, religiosidade, perseverança e trabalho duro: quando Dick decide vender seu gato, o mercador que o levaria a Londres prometeu que todo o dinheiro ganho com a venda seria dado a ele. Apesar de a recompensa pelo gato ter sido muito superior às expectativas - um navio cheio de ouro, o mercador cumpriu sua palavra, evidenciando sua retidão de caráter, honra, senso de justiça e honestidade. A presença de um rei e uma rainha, mesmo que de uma terra distante e a passagem em que o mercador enviou-lhes presentes assim que chegou, podem ser ligadas ao fato de que a monarquia é muito respeitada pelos cidadãos britânicos, especialmente os mais velhos. Michele e Barbara afirmam ter orgulho da família real e de sua histórica monarquia, evidenciando também o lugar da tradição na cultura Inglesa. Por sua vez, perseverança, trabalho duro e religiosidade são destacados no trecho em que enquanto aguarda a venda de seu gato, Dick decide abandonar tudo, mas escuta os sinos da igreja dizendo-lhe para ficar na cidade, pois haveria de prosperar e ser prefeito três vezes. O menino então decide voltar e aguentar o trabalho árduo, os maus tratos do cozinheiro e o dormitório infestado de ratos. Além disso, através da narrativa de *Dick Whittington e seu gato* também podem-se observar aspectos históricos. Dick ouviu que em Londres todos podem ficar ricos: bastava apenas retirar os paralelepípedos das ruas que eram pavimentadas com ouro. Essa passagem remete ao fato de que a cidade era e ainda é o centro econômico da Inglaterra, onde muitas pessoas ricas viviam e pobres conseguiam prosperar. Porém fica claro na história que a riqueza é algo que se conquista com perseverança e trabalho duro, já que o ouro não estava nas ruas disponível para simplesmente ser coletado. Por sua vez, a passagem sobre Dick ser órfão, pobre e vagar pelas ruas de Londres atrás de comida enquanto admirava as carruagens, cavalos e prédios retrata o abismo social que existia na época. Esse abismo social foi inclusive retratado em obras literárias, como *Oliver Twist*, do inglês Charles Dickens.

A história de *Robin Hood e seus homens* foi compartilhada por Bárbara, galesa de setenta e três anos que vive no Brasil com seu marido, também galês. Apesar de viver no Brasil há cerca de 30 anos, a bibliotecária britânica conserva suas tradições: a língua falada em casa com filhos e netos é o inglês, o chá da tarde acontece todos os dias no mesmo horário

e o Natal é comemorado com um almoço no dia 25 de dezembro seguindo os mesmos rituais e servindo as mesmas iguarias que eram servidas na mesa natalina de sua casa em Londres há três décadas. Semelhantemente à história compartilhada pela inglesa Michele, um dos valores inerentes à cultura de Bárbara que é evidenciado em sua narração de *Robin Hood e seus homens* é a importância que se dá à tradição, pois ao finalizar sua narrativa a galesa ressalta com orgulho que a história de Robin Hood é passada de geração em geração há séculos e que a Floresta de Sherwood, onde Robin Hood supostamente vivia, ainda existe e pode ser visitada. Além da tradição, outros valores culturais evidenciados na narrativa de *Dick Whittington e seu gato* que se repetem na história de *Robin Hood* são o senso de justiça e a honra: apesar de pertencer a uma classe social privilegiada, Robin considerava injusto que os pobres do vilarejo pagassem taxas tão altas a ponto de ficarem quase sem nada, portanto roubava dos ricos e cruéis para devolver o dinheiro aos pobres. Apesar disso ter feito dele um ladrão, sua honra e honestidade são evidenciadas pelo fato de lutar contra as injustiças e não ficar com nem uma só moeda proveniente dos roubos. Há estudos que afirmam a real existência de Robin Hood, porém não há um consenso sobre sua verdadeira identidade. A história, conhecida no mundo todo, tem uma miríade de versões e já foi adaptada para a literatura, o teatro e o cinema.

Por sua vez, a narrativa compartilhada pelo belga Wim demonstra aspectos relacionados ao senso de humor de sua cultura: a história é sobre um habitante de Flandres muito atrapalhado e pouco inteligente, o que remete, segundo Wim, ao senso de humor irreverente e ao fato de que os belgas não tem problema algum com rir de si mesmos. Adicionalmente, a história também retrata a realidade de uma Flandres rural, onde as pessoas que moravam nas fazendas tinham que ir à vila a pé para comprar sabão, agulhas e queijo. Da mesma forma, Koren foi até uma vila vizinha para pegar a vaca e até a fazenda de porcos para comprar presunto. Objetos como a cesta de vime, a carrocinha cheia de palha e o casebre reforçam o cenário rural. Ao refletir sobre minha convivência com o professor belga, essa história auxiliou-me a compreender melhor alguns de seus comentários e brincadeiras no dia-a-dia da rotina escolar ao mesmo tempo em que quebrou minha visão estereotipada da Bélgica ao apresentar um cenário extremamente rural.

A história da americana é uma memória familiar, porém traz à tona a presença de guerras na história e na cultura estadunidenses, já que o país tem se envolvido sucessivamente em diferentes guerras e conflitos com diversos países.

Ambas as narrativas latinas, por sua vez, remetem à forte presença do misticismo nos imaginários chileno e paraguaio. *El Trauco* é um ser mitológico poderoso, temido e

inevitável, usado para justificar a gravidez de moças solteiras. A história evidencia a cultura machista e a fragilidade da mulher, que não era bem aceita socialmente se fosse mãe solteira. *El Trauco* é muito semelhante à lenda brasileira do boto cor-de-rosa, que era também usada para explicar a gravidez de meninas que moravam no interior da mata e sofriam abusos de seus tios, pais ou avôs. Já a história da *Plata yvyguy* é riquíssima por evidenciar vários aspectos da cultura e história paraguaias, pois através dela é evidenciado o fato de que ao contrário do que muitos podem pensar, os paraguaios não têm apenas o espanhol como língua oficial, mas também o guarani. Além dessa ligação com a cultura e com a língua guarani, é também demonstrada a forte ligação que a cultura paraguaia tem com a mitologia e a crença popular, representada na história pela chama que se move em noites de tempestade, pelo cachorro branco sem cabeça e por acreditar-se que só os bons de coração conseguem encontrar o tesouro. Ao terminar a narrativa o professor Juan relata sua história pessoal com o mito da *plata yvyguy*: certa vez sua avó, influenciada pelas histórias da *plata yvyguy*, contratou uma pessoa para inspecionar seu terreno com um detector de metais. O detector apontou a presença de metal em uma área dentro de casa, ao lado da cozinha. Crente que havia encontrado a localização de um tesouro, a senhora mandou escavar a área. O trabalho foi iniciado e o buraco foi ficando cada vez mais fundo, porém também exalava um odor pútrido fortíssimo. Por isso, a avó acabou desistindo da escavação, mas até hoje acredita que há um tesouro enterrado no local. Juan também mencionou que na cidade de Capiatá há um museu dedicado exclusivamente à mitologia paraguaia: o Museo Mitológico Ramón Elías. Até eu conversar com Juan, minha única história do Paraguai era a de um país pobre e sujo, onde mercadorias de má qualidade são vendidas e muitas vezes os compradores são enganados ou roubados. Senti-me feliz, mas também envergonhada quando a ignorância deu lugar ao conhecimento e percebi quão rica e quão bela é a cultura do país.

5. Conclusão

Ambientes multiculturais são compostos por atores provenientes de diversos países que carregam sua bagagem cultural e experiências de vida. Nesses meios coexiste um tesouro: as histórias de cada um, que refletem suas culturas, imaginários, valores, credos e visões de mundo.

Quando se almeja uma educação multicultural na qual todas as culturas são igualmente valorizadas, é imprescindível que se promovam oportunidades para que as diferentes culturas sejam expostas de diversas formas e revelem suas várias facetas. É determinante que as pessoas possam se reconhecer por suas semelhanças para evitar os estereótipos, como ressalta

a escritora Chimamanda Adichie. Por outro lado, é igualmente indispensável que também consigam reconhecer as suas diferenças para que sejam capazes de interagir harmoniosamente, como salienta Bennet.

As histórias permitem isso. Possibilitam, de maneira sutil, que as pessoas descubram um pouco mais sobre as outras, que experienciem e desenvolvam empatia ao verem o mundo sob a ótica de outrem. Nesse sentido, as histórias permitem que as pessoas convivam melhor, potencializando a probabilidade de desenvolverem sensibilidade e competência interculturais, habilidades cruciais para a convivência em sociedade no mundo contemporâneo, que é cada vez mais multicultural.

Este estudo apurou meu olhar para as histórias que coexistem em ambientes multiculturais e despertou minha atenção para o fato de que, como uma contadora de histórias inserida no contexto de uma escola internacional, posso contribuir para a formação de cidadãos capazes de respeitar, tolerar e interagir harmoniosamente com pessoas de culturas distintas. A partir desta pesquisa pretendo iniciar um projeto de coleta e compilação de histórias de alunos e funcionários da instituição onde trabalho e compartilhá-las através de um livro e de rodas de história.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. "Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história." *TED: Ideas worth Spreading*. TEDGlobal 2009, Julho 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br> Acesso em: 3 de agosto de 2014.

BENET-MARTINEZ, Verónica. Multiculturalism: cultural, social, and personality processes. In: *The Oxford handbook of personality and social psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Livro digital.

BENNETT, Milton J. Basic concepts of intercultural communication: paradigms, principles and practices. 2ª ed. Boston: Intercultural Press, 2013. Livro digital.

_____. Overcoming the golden rule: sympathy and empathy. In: _____. Basic concepts of intercultural communication: paradigms, principles and practices. 2ª ed. Boston: Intercultural Press, 2013. Cap. 2, p. 2850–5142. Livro digital.

GAIMAN, Neil. Why our future depends on libraries, reading and daydreaming. The Guardian. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2013/oct/15/neil-gaiman-future-libraries-reading-daydreaming>>. Acesso em: 25 de outubro de 2014.

HACKRADT, Lucas. Interculturalidade. Você Sabe O Que é? Revista Época. Globo, 25 Julho 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2015.

NASCIMENTO, Lidiane Alves do; RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. Publicado em 1 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/01112013/a-memoria-dos-velhos-e-a-valorizacao-da-tradicao-na-literatura-africana-algumas-leituras>>. Acesso em: 25 de outubro de 2014.